

CINEMA E AUDIOVISUAL: EXPERIÊNCIAS (TRANS)FORMATIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Rejane Zanini ¹
Sabrina Copetti da Costa ²
Valeska Fortes de Oliveira ³

Resumo

Esta escrita situa-se no eixo temático 04: Formação inicial e continuada de professores e se constitui a partir da experiência de Docência Orientada na Disciplina Sociologia B, do Curso de Pedagogia diurno da UFSM, RS, para refletir sobre os processos de constituição de pós-graduandos e graduandos na formação docente. A disciplina foi organizada a partir da dialogicidade entre Cinema, audiovisual e temáticas do campo das especificidades das Ciências Sociais: cultura, sociedade e educação, escolas sociológicas, cotidiano e educação, multiculturalismo e diferença cultural, inclusão e exclusão, cultura escolar. Foram propostas atividades práticas, como assistir a filmes, realizar produções visuais e audiovisuais, constituir um Diário de Campo, que constitui esta análise. A escrita parte de uma reflexão sobre a formação docente na contemporaneidade, tema imprescindível nos dias atuais, em uma abordagem qualitativa com análise documental como metodologia, em uma investigação no material disponibilizado na Plataforma Moodle, repositório institucional. Como princípios teóricos conceituais, serão usados aportes de Cinema (Morin, 2014), de Formação Pedagógica (Méndez e Rivas Flores, 2023) e Desenvolvimento Profissional Docente (Diniz, 2019), entre outros. Ainda, se fará uma reflexão sobre a potência das imagens como possibilidade de desenvolver um olhar sensível sobre a escola, em defesa de uma docência sustentável. Assim, considera-se a docência orientada um relevante espaço inovador, de co-aprendizagem e de compartilhamento de saberes. Como resultado das práticas, pode-se ver, nos relatos, a percepção positiva sobre as proposições. O cinema e a produção audiovisual na formação docente mobiliza experiências transdisciplinares, previstas pela lei 13.006/2014, conduzindo a vivências para além do currículo disciplinar e, desafiando os envolvidos a conhecer a cultura brasileira por meio da exibição de filmes nacionais. Também incentivam o trabalho colaborativo e reflexivo a respeito do cotidiano escolar, das violências, excesso de exposição às mídias: uma possibilidade de formação ética, estética, política e digital.

Palavras-chave: Docência orientada, Formações, Cinemas, Sociologia da educação.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - RS, rejane.zanini@acad.ufsm.br;

² Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - RS, copettidacostasabrina@gmail.com;

³ Professora Pós-Doutora, Orientadora do trabalho. Universidade Federal de Santa Maria - RS, vfortesdeoliveira@gmail.com;



Primeiras palavras

Esta escrita se constitui a partir da experiência de Docência Orientada na Disciplina Sociologia B, no ano de 2022, do Curso de Pedagogia diurno da Universidade Federal de Santa Maria, RS, para relatar os processos de constituição dos graduandos na formação docente a partir da proposta de produção audiovisual. Como objetivo da disciplina, encontra-se, em sua ementa,

Proporcionar aos acadêmicos [...] alguns aprofundamentos de estudos e debates referenciados em algumas correntes sociológicas voltadas à pesquisa e análise do cotidiano e suas contribuições às questões educacionais e à formação de professores, possibilitar a construção de um olhar sociológico para as questões formais e não formais da educação, nas diferentes possibilidades de atuação do (a) Pedagogo (a).

Assim, a escrita tem como objetivo também relatar a experiência de pós-graduandas na Docência Orientada, com o uso do cinema e do audiovisual, a partir das produções e relatos dos estudantes da graduação. A disciplina foi organizada a partir da dialogicidade entre o cinema, o audiovisual e as temáticas do campo das especificidades das Ciências Sociais: cultura, sociedade e educação, escolas sociológicas, cotidiano e educação, multiculturalismo e diferença cultural, cultura escolar, inclusão e exclusão.

Foram propostas atividades como assistir a filmes como dispositivos para as conversas em aula, bem como realizar produções visuais e audiovisuais, que também constituirão esta análise. A escrita parte da importância de uma postura crítico-reflexiva para desenvolvimento profissional na contemporaneidade, com análise documental como metodologia: analisar material disponibilizado na Plataforma Moodle, os Diários de Campo, produções dos estudantes postadas no repositório institucional da UFSM.

Formação docente: o Cinema e o audiovisual em foco

Entendemos o cinema na educação como o percebe Almeida (2024), que a escola vai além da função educativa, de transmitir conhecimentos ou de preparar os estudantes para o trabalho. Ainda que seja responsável pela educação formal, existem outras instâncias importantes para que se alcance uma formação abrangente, alcançando dimensões outras que envolvem imaginários, cultura, artes em geral e o cinema “[...] cuja abordagem transita entre



a filosofia e a arte-educação, entre a hermenêutica e os processos formativos, o que requer que se considere a participação ativa do espectador” (Almeida, 2024, p.12). Para ele, educar o olhar é uma dimensão fundamental dessa relação entre a educação e o audiovisual,

O cinema, como manifestação artística e cultural, diversa e polimorfa, é um importante vetor de assimilação, formação e circulação de imaginários, os quais contribuem para a (trans)formação de mentalidades e atitudes, modos de vida e compreensão da realidade. (Almeida, 2024, p.12).

Assim, tão importante quanto inserir atividades que contemplem o fazer reflexivo a respeito da inserção do audiovisual na educação na experiência da docência orientada, faz-se importante colocar no centro do debate não só a formação dos graduandos, mas estendê-la para as escolas, em todos os níveis, sobretudo quando se trata do desconhecimento, por parte de docentes e dos gestores, da Lei 13.006/2014, que institui ao menos duas horas mensais de execução de filmes nacionais aos estudantes.

Um encontro potente com a sétima arte traz para a formação docente a concepção de experiência formativa, ética, estética e política (Oliveira, 2018), e o cinema se insere como dispositivo formativo (Ferry, 2004), como acionador da experiência e como possibilidade de formação sensível. O Ser de sensibilidade, uma das dimensões apontadas por Josso (2007), portador de sentidos com os quais se relaciona com o mundo e por onde o mundo o atravessa, vive no cotidiano em ligação direta com as sensações corporais expressas em todas as suas atividades, quando nos relacionamos com nós mesmos e com o outro. Essa dimensão sensível integra nosso processo formativo, podendo possibilitar a emergência de outras “dimensões escondidas de si”, porque recompõem os recursos e a coerência pessoal,

[...] podemos também projetar-nos, identificar-nos e introjectar aspectos daquilo que o sensível nos convida a ver, a sentir, a pensar e a fazer, etc... [...] em novas perspectivas e em novas formas: a arte torna-se, assim, uma das vias do conhecimento (de si e do outro) [...]. (Josso, 2007, p. 435).

O cinema ainda opera a metamorfose dos espaços, o som é inserido como presença afetiva, as cores, luzes e sombras como objetos que, dotados de alma, passam a ter a função de produzirem efeitos nas películas e no espectador. Morin busca explicar a magia que o cinema exerce sobre o espectador, com imagens em movimento que de certa forma potencializam a capacidade de sentir e sonhar; sensibiliza e faz submergir em outros oceanos,



da imaginação, como gerador de emoções e afetos: “Técnica e sonho estão ligados desde seu nascimento” (Morin, 2014, p.26). Para o autor, o enigma de tão potente invenção não se encontra nos fatos,

[...] mas na incerteza de uma corrente sinuosa entre o jogo e a pesquisa, o espetáculo e o laboratório, a decomposição e a reprodução do movimento; no nó górdio entre a ciência e o sonho, entre a ilusão e a realidade onde se preparou aquela nova invenção. (Morin, 2014, p.28).

Para Morin, o cinema engloba tanto o campo do mundo real como o campo do mundo imaginário, uma vez que nele se inserem a visão do sonho e a percepção em vigília, em acúmulo da característica mágica e da objetiva, contendo de forma embrionária todas as visões de mundo. A visão do cinema, segundo o autor, é englobada pela estética e corresponde à grande estética mãe, o caráter próprio da estética, definida por ele como “[...] a grande festa onírica da participação, no estágio em que a civilização conservou seu fervor imaginário, mas perdeu a fé em sua realidade objetiva” (Morin, 2014, p.140). Para ele, “[...] a mais ampla estética jamais realizada”, ou seja, o filme comporta “[...] o maior número de formas artísticas possível e permite, de modo ideal, as obras mais complexas possível” (MORIN, 2014, p.204). O espectador de filmes, privado de participações ativas, pelo cinema, tem potencializado seus sentidos, em uma participação psíquica e afetiva, interior e sentida, em sua subjetividade “[...] levando às projeções-identificações”, ou seja, “[...] verdadeiras transferências acontecem entre a alma do espectador e o espetáculo da tela” (Morin, 2014, p.120).

Cinema e desenvolvimento profissional docente: uma experiência com a docência orientada

A docência orientada na Pós-graduação é um espaço para os alunos de mestrado e doutorado em que há a oportunidade de vivenciar o cotidiano da sala de aula no ensino superior. Essa experiência colabora com o desenvolvimento profissional docente a partir da possibilidade de planejamento e vivência de planos de aula, previamente organizados com a professora regente da disciplina e, posteriormente, por meio das possíveis reflexões sobre a prática. Reflexões que foram possíveis na disciplina também no que se refere ao cotidiano escolar registrado através de imagens em movimento feitas pelos graduandos.



A partir das leituras de Nóvoa (1991; 1992), Diniz-Pereira (2019, p. 67) aponta que a visão compartimentada entre momentos estanques de formação inicial e continuada passou por críticas, e reforçou-se a necessidade de uma compreensão enquanto um *continuum*. Nesse movimento, o conceito de desenvolvimento profissional docente vem para demarcar uma “[...] diferenciação com o processo tradicional e não contínuo de formação docente” (Ponte, 1998 apud Fiorentini; Creci, 2013). Também na esteira da desaprovação à compartimentação dos momentos de formação, Bacila (2020) coloca que entende-se o processo de desenvolvimento profissional docente

[...] superando as ações estanques da formação acadêmica, da formação continuada, da vida cultural e pessoal de cada professor, dos saberes que adquiriu na infância e na juventude, quando estudante de educação básica, o sistema de crenças, colocando-os juntos, sob a mesma condição formativa. (Bacila, 2020 p.11).

Sendo assim, trata-se sobretudo de “[...] destacar o processo contínuo de transformação e constituição do sujeito ao longo do tempo, principalmente em uma comunidade profissional” (Fiorentini; Creci, 2013, p.13), pautando-se por importantes reflexões que advém do ambiente escolar. No entanto, tal concepção não desconsidera todas as influências vividas que, não necessariamente, são apreendidas em espaços formais de educação. Nesse sentido, a metáfora dos mosaicos é usada por Bacila (2020) para explicar as muitas composições imbricadas na docência. Nas palavras da autora,

[...] o desenvolvimento profissional docente considera a história de vida e a história profissional como um mosaico de peças únicas e colorido próprio. É uma obra de arte produzida por meio das experiências dos professores ao longo da vida, das áreas que adquiriu maior afinidade, das crenças que permeiam suas ações, dos estudantes que possui, das condições de trabalho, dos recursos tecnológicos que sabe usar, mas, sobretudo, da disposição que possui para aprender e desenvolver-se. (Bacila, 2020, p. 11).

Compreendemos as experiências com o cinema como parte deste mosaico, considerando sua capacidade de construir/desconstruir significações imaginárias por meio de roteiros, cores, ângulos, trilhas e efeitos os mais variados. Desse modo, lembramos Teixeira et al (2014, p.132), quando nos fala que o cinema é reconhecido “[...] como uma instância formativa poderosa, desde seu nascimento, por seus realizadores, financiadores e setores governamentais” e que é “[...] capaz de mobilizar afetos, difundir ideias e influenciar



comportamentos”. Nesse sentido, Rosália Duarte (2009, p.16) nos lembra que ver filmes “[...] é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Por isso, insere-se o cinema como parte da disciplina, desde a apreciação até a vivência de exercícios fílmicos no cotidiano escolar.

Os estudantes foram, então, provocados a construírem no início do semestre seus Diários de Campo, nos quais deveriam relatar não somente as aulas das quais participaram, mas também a experiência da observação do cotidiano de uma escola e organizarem, a partir das observações, a produção de um audiovisual, em uma perspectiva de viver a experiência, relatar por escrito e oralmente aos colegas de classe, assim revivendo o vivido, em passos sugeridos por Méndez e Rivas Flores (2023).

Dessa forma, cada aluno escreveu o seu Diário e, em Grupo, compartilhou e apresentou sua produção, refletindo sobre a disciplina e sobre as práticas propostas. A seguir, compartilhamos alguns relatos desta experiência.

Com a mão na massa

Compreende-se, portanto, neste contexto, o cinema como potência para a formação não só dos graduandos, mas ainda dos pós-graduandos envolvidos na docência orientada, ao sensibilizá-los para o uso da linguagem audiovisual como possibilidade de desenvolver um olhar sensível sobre a escola, em defesa de uma docência sustentável, na orientação e na mediação das aulas. Todas as temáticas da disciplina contaram sempre com, no mínimo, um filme como dispositivo, e um ou mais textos teóricos para fomentar as reflexões. Assim, assistimos durante o semestre as seguintes produções, que se encontram disponíveis no *Youtube*:

Da minha janela, produção audiovisual do Grupo de Estudos e Pesquisa em Imaginário Social, em 2022, feita com alunos de anos iniciais da EMEF Sérgio Lopes, em Santa Maria, durante o distanciamento imposto pela pandemia. Ainda, nessa linha, assistimos ao documentário *O mundo pós-pandemia para as crianças*, de 2020. Vimos também o curta-metragem *Que letra é essa? A história de Patrick*, que documenta o fracasso da escola com um menino de Santa Maria - RS, com dificuldade de aprendizagem. Outros filmes que



apresentam os cotidianos escolares foram vistos e debatidos: *Quando sinto que já sei*, de 2014; *Carregadoras de Sonhos*, de 2010; *Se essa escola fosse minha*, de 2017; *Crianças Invisíveis*, de 2016, e o filme longa *O Poço*, de 2019, que problematiza o nosso sistema social e suas injustiças. Ainda foram apresentadas algumas produções a respeito da produção visual e audiovisual, sua linguagem e possibilidades, cinema com seus ângulos, cores, etc.

A partir das reflexões e dos filmes como dispositivo, os graduandos, como proposta de avaliação, produziram seus Diários de Campo no decorrer do semestre e cinco curtas, em grupos, apresentando entrevistas e cotidianos das escolas visitadas. Em geral, eles relataram com satisfação que, estando em final da graduação, pela primeira vez tiveram o contato e a experiência de realizar algo antes nunca imaginado e que acreditavam não terem capacidade. Com base nessa experiência, em sala de aula e fora dela, seguem os relatos de três estudantes, selecionados entre os demais por representarem as escritas da maioria. A escrita, inclusive os tempos verbais, segue conforme consta nos documentos analisados.

Estudante nº1:

“Na aula inicial, me deparei com a professora [...] de Sociologia da Educação B produzindo uma aula muito leve e produtiva. Só em ouvir que durante essa disciplina vamos trabalhar com filmes, imagens e fotografias, enfim, com linguagem audiovisual, já me deixou empolgada para os próximos dias, seja nas escolas, nas salas de aula, ao ar livre ou nas salas de cinemas da universidade. A mestrand, (aluna em docência orientada), [...] comentou sobre o projeto de cinema que pode ser realizado tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental. Essa temática de cinema e imaginário na formação é sem sombra de dúvida uma brilhante ideia que pode ser trabalhada nas escolas. [...] Quando entra o cinema na escola, gera uma provocação não apenas nas crianças, mas também nos professores, pois traz muitas aprendizagens e desaprendizagens. [...] Nessa aula, comentou-se ainda que é preciso tirar o bloqueio da superprodução cinematográfica, pois uma atividade simples já traz muita alegria, é necessário desaprender que tem que ser perfeito. Além disso, é importante trabalhar a questão do território, ressignificar ele por meio de imagens.

No dia 07 de junho, refleti sobre o texto “Os professores e o cinema” na companhia de Bergala: se já é um prazer assistir a um belo filme em uma sala de cinema, imagina a gente assistir a um filme criado por nós? No que se refere à hipótese-cinema, percebo que, diante da



cultura escolar instituída, o cinema ainda é visto apenas como recurso didático ou como atividade burocrática, e muitos professores apenas trabalham com a interpretação do conteúdo do filme, sem trabalhar o olhar sensível-pensante, as cores, as imagens, os sons, os ângulos, os ritmos, as luzes, as sombras, os planos, a montagem do filme, os sentimentos despertados pelos estudantes, mas também a recriação da criação do cineasta. Percebo a importância de trabalhar o cinema de criação e não de puro consumo, pois os filmes podem ser realizados pelos alunos nas escolas. Sendo assim, vejo o cinema como um desafio para a educação escolar, como alteridade (diferença, mudança), que problematiza o que a gente ouve e vê, que nos faz inventar ideias para poder imaginar e criar, que provoca nossas visões de mundo e estilos de vida, que abraça narrativas de histórias individuais e coletivas em diversos tempos e espaços, que abre possibilidades e amplia conhecimentos e experiências de vida. Que oportuniza momentos de encontro com a arte, que aguça a nossa curiosidade para aprender com diversão. As escolas poderiam ter DVDtecas nas salas de aula. Fico muito feliz por saber que na nossa formação acadêmica, nos preocupamos com o desenvolvimento da cultura cinematográfica. Como o cinema está na escola? Ele, certamente, potencializa o trabalho e a ação docente. É possível aprender e ensinar com os filmes!!!! [..]”

Somente este relato já seria o suficiente para uma análise ampla a respeito da importância da inserção do audiovisual e sua produção na academia. É possível perceber a potência do cinema como dispositivo formativo capaz de provocar movimentos instituintes no cotidiano escolar, acolhendo a sensibilidade comumente negligenciada pelos currículos e práticas, e abrindo espaço para práticas pedagógicas mais divertidas. Provoca outras aprendizagens que exigem desaprender. Coloca o estudante como protagonista de sua formação. Por meio da linguagem diferenciada, imagética e sonora, estimula outras percepções e sentidos. Desafia, como provocador de mudanças e ao mesmo tempo, estimula o ato criativo.

Estudante nº 2:

“Após assistir ao documentário e refletir sobre alguns tópicos envolvendo o cinema em sala de aula, foi possível refletir sobre a importância de considerar essa ferramenta de aprendizagem como meio de trabalhar a cooperação, o respeito e a partilha de relações em sala de aula e fora dela. Além do mais, trabalhar com o cinema faz com que os alunos criem e



compartilhem suas visões de mundo a partir da realidade em que estão. Ao longo das discussões, pude perceber o quanto o cinema pode oportunizar experiências que fogem do tradicional ao fazer com que as crianças tenham contato com outros tipos de ferramentas de aprendizagem que não sejam somente conteúdos e exercícios prontos e robóticos. É importante destacar, e foi algo comentado em aula, que lidar com a cinematografia pode causar medo e insegurança dos professores, porque existe o pensamento de que é algo complexo e difícil de se lidar. Contudo, a pandemia evidenciou a importância de considerar que se faz necessário *se jogar* no mundo das tecnologias, porque elas muitas vezes proporcionam aos alunos meios diferentes de aprender de forma mais significativa. Claro que é preciso destacar a falta de recursos e a problemática envolvendo a realidade da educação brasileira, que carece de recursos tecnológicos e também da realidade dos alunos, levando em conta a dificuldade de acesso à internet e telefones celulares, por exemplo... [...]. Finalizar todo o nosso trabalho com a apresentação das produções audiovisuais sobre as escolas foi o meio mais apropriado de concretizar a disciplina evidenciando o amor, a dedicação e a responsabilidade que marcaram os estudos e aprofundamentos das temáticas abordadas ao longo do semestre. Sendo sincera, ao assistir os documentários senti diferentes sensações... Tristeza pelo descaso com alguns ambientes escolares, felicidade em conhecer outras escolas que conhecia só por nome, mas sinceramente, o sentimento de esperança reinou de forma muito especial, principalmente porque a escola que escolhemos fazer o documentário me mostrou que a educação pode sim ser ligada com o afeto, amor e responsabilidade... Como dito em aula, muitas vezes somos apresentadas a um ponto de vista da educação que prefere enxergar somente o descaso, a tristeza e a falta de atenção por aqueles que deviam cuidar e vigiar os espaços escolares... Contudo, a proposta dos documentários me fez perceber que existe um lado bom em tudo, principalmente na educação. Existem gestões que com responsabilidade e ética, através do seu trabalho árduo, realmente transformam vidas. [...]. Não consigo expressar o quanto foi importante conhecer um espaço tão especial, e principalmente ouvir dos próprios estudantes que a metodologia de ensino proposta pela gestão realmente é colocada em prática. No momento em que entrei na escola percebi que o amor e a afetividade estavam presentes nas interações com todos os sujeitos, sejam professoras, gestoras, alunos e funcionários [...] Lindo de se ver! No dia de hoje também senti muita gratidão por ter tido o privilégio de participar da disciplina de Sociologia da Educação B... As professoras são verdadeiros exemplos a serem seguidos... São profissionais dedicadas



e com seriedade trabalham de uma forma amorosa, singular, com propostas significativas que enriqueceram o meu processo de ensino-aprendizagem. Foi de extrema importância fazer ligação com o ensino e o trabalho com produções audiovisuais! Os filmes, textos e documentários também se transformam em importantes meios de potencializar nossas aprendizagens. Aprendi muito com cada uma e agradeço de todo coração por terem possibilitado este trabalho tão rico, apresentando a nós a potência do cinema na escola articulado às diversas problematizações que a sociologia da infância nos permite dialogar para que possamos ajudar a transformar na escola. Obrigada por terem pensado na proposta do diário e na produção audiovisual, pois em cada uma delas conseguimos deixar a nossa identidade. A disciplina de Sociologia da Educação B, nos possibilitou desenvolver debates de forma leve e nos trouxe muitos aprendizados, como produzir um documentário, então sou eternamente grata aos três grandes profissionais da educação que estiveram conosco nesta caminhada.”

Desse relato, pode-se ver o cinema e a produção audiovisual como meio de se trabalhar a cooperação, o respeito e a partilha de relações em sala de aula e fora dela; ainda permite o compartilhamento de visões de mundo de cada um a partir de sua realidade. Oportuniza experiências além dos conteúdos curriculares previamente determinados. Com as aulas, foi possível refletir sobre a falta de condições e recursos digitais nas escolas brasileiras; por outro lado, nesse relato se fazem presentes o amor e a esperança, estabelecendo-se uma relação de afeto com a educação. Para a estudante, foi importante conhecer o espaço escolar, pois possibilitou notar a relação respeitosa e amorosa entre a comunidade escolar. Trata-se de um vivência importante diante da realidade acadêmica das licenciaturas no Brasil, ainda muito carente de contato com o cotidiano das escolas. Ela considerou a proposta significativa e potente para promover as necessárias transformações demandas urgentemente na educação.

Estudante nº 3

“Cinema como ferramenta de ensino? Cinema como método avaliativo da disciplina e não um seminário ou prova? Que felicidade ouvir isso, particularmente, como um fã assíduo do cinema, produções audiovisuais no geral, a disciplina me conquistou ali mesmo e devo dizer que ela foi maravilhosa. A importância do cinema na educação, imagens em movimento,



criação audiovisual por parte dos alunos, tantas possibilidades, metodologias de ensino novas, era somente o começo.”

Por fim, o terceiro relato, vindo do único aluno homem em sala de aula, aponta a alegria da novidade metodológica da disciplina, a inserção do cinema com o qual muito se identifica. Reconhece sua importância e possibilidades, apontando-o como um ponto de partida. Para quê? Talvez para uma carreira diferenciada, visto que ele comentou em sala estar desmotivado para finalizar o curso, em vias de evasão. Não só decidiu continuar como se inseriu em Projetos de Extensão e está há um ano e meio desenvolvendo atividades com o cinema e com a produção audiovisual com as crianças de Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente cursa Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSM.

Considerações para não finalizar

A partir do apresentado, considera-se a docência orientada um relevante espaço inovador, de compartilhamento de saberes e favorável ao desenvolvimento profissional docente, não somente na execução das atividades, mas no seu planejamento e na reflexão sobre ele. Como resultado, pode-se ver o encanto dos estudantes da graduação diante do novo, segundo verbalizaram, a primeira, melhor e mais desafiadora experiência que tiveram durante todo seu curso, já em fase de finalização. O cinema e a produção audiovisual na formação docente mobiliza experiências transdisciplinares, previstas pela lei 13.006/2014, quando induz, por marcos legais, as vivências para além do currículo disciplinar e, ainda, desafiam os envolvidos a conhecer a cultura brasileira por meio da exibição de filmes nacionais. Também incentiva o trabalho colaborativo e reflexivo a respeito do cotidiano escolar, da violência, das mídias e o excesso de exposição às telas a que as crianças estão submetidas: uma possibilidade de formação ética, estética, política e digital.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Rogério de. *Cinema, imaginário e educação: os fundamentos educativos do cinema*. São Paulo: FEUSP, 2024. 190 p.

BACILA, Maria Sílvia. Mosaico: etapas do desenvolvimento profissional docente. *Revista Transmutare*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/article/view/13086> . Acesso em: 08 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (2014). Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em:

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. (s/d) UFSM. Programa da Disciplina FUE1116 - Sociologia da Educação B. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/download.html?action=componente&download=false&id=148828>. Acesso em 25 jan. 2025.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Desenvolvimento profissional docente: um conceito em disputa. In: IMBERNÓN, Francisco; SHIGUNOV NETO, Alexandre; FORTUNATO, Ivan. (Orgs). *Formação permanente de professores: experiências iberoamericanas*. São Paulo: Edições Hipóteses, 2019. p. 65-74.

FERRY, Gilles. *Pedagogía de la formación*. 1.ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FIORENTINI, Dário; CRECCI, Vanessa. Desenvolvimento Profissional DOCENTE: Um Termo Guarda-Chuva ou um novo sentido à formação? *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, p. 11-23, 2013. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/74> . Acesso em: 28 dez. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3, p. 413-438, set./dez. 2007.

MÉNDEZ, Analía. Leite; RIVAS FLORES, José. Ignacio. Narrativas en la Formación Docente. Re-creando Otros Aprendizajes. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 05–17, 2023. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/683>. Acesso em: 24 jan. 2025.

MORIN, Edgar. *O Cinema ou O Homem Imaginário*. Ensaio de Antropologia Sociológica. Trad. Luciano Loprete. É realizações, Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.: 2014.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. O Campo Autobiográfico e Outras Aventuras pelo Imaginário. In: *A Nova Aventura (Auto)Biográfica*. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et al. (organizadoras) Tomo III. EdiPUCRS: Porto Alegre, 2018.

